

Renan Albuquerque - Weberson Grizoste  
organizadores



Estudos  
Clássicos e  
Humanísticos  
& Amazonidades

ALEXA  
CULTURAL



EDITORA DA UNIVERSIDADE  
FEDERAL DO AMAZONAS

Vol. 2

© by Alexa Cultural

**Direção**

Yuri Amaro Langermans

Nathasha Amaro Langermans

**Editor**

Karel Langermans

**Capa**

K Langer

**Revisão Técnica**

Michel Justamend e Renan Albuquerque

**Editoração Eletrônica**

Alexa Cultural

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

A319t ALBUQUERQUE, R.  
G431w GRIZOSTE, W.

Estudos clássicos e humanísticos & amazonidades - vol. 2 , Renan  
Albuquerque e Weberson Grizoste, Alexa Cultural: São Paulo, 2018

14x21cm - 218 páginas

ISBN - 978-85-5467-016-0

1. Antropologia - 2. Letras - 3. Estudos clássicos e humanísticos - 4,  
Amazonas - I. Índice - II Bibliografia

CDD - 300

Índices para catálogo sistemático:

Letras

Estudos Clássicos e Humanísticos

Amazonas

Antropologia

Todos os direitos reservados e amparados pela Lei 5.988/73 e Lei 9.610

Os artigos publicados são de inteira responsabilidade de seus autores. As opiniões neles emitidas não exprimem, necessariamente, o ponto de vista da editora e dos organizadores.

**ALEXA**

**Alexa Cultural Ltda**

Rua Henrique Franchini, 256  
Embú das Artes/SP - CEP: 06844-140  
alexax@alexacultural.com.br  
alexacultural@terra.com.br  
www.alexacultural.com.br  
www.alexaloja.com



**Editora da Universidade Federal do Amazonas**

Avenida Gal. Rodrigo Otávio Jordão Ramos, n.  
6200 - Coroado I, Manaus/AM  
Campus Universitário Senador Arthur Virgílio  
Filho, Centro de Convivência – Setor Norte  
Fone: (92) 3305-4291 e 3305-4290  
E-mail: ufam.editora@gmail.com

# ESTUDOS SOBRE A *MUHURAIDA* E SUAS RAÍZES CLÁSSICAS<sup>1</sup>

*Maria de Nazaré Carvalho da Silva*<sup>2</sup>

## EPOPEIA E ANTIEPOPEIA

As epopeias clássicas não estão perdidas no tempo, ao contrário o presente possui muitos resquícios do passado. Mesmo vivendo em uma época diferente sempre revisitaremos o passado para compreendermos o que e como as coisas realmente se sucederam e quais os legados deixados pelos nossos antepassados. Para que novas poesias épicas fossem confeccionadas os poetas tinham como fonte de inspiração os mais renomados poetas clássicos, em especial, Homero e Virgílio – ponderando que o poeta latino já é propriamente fruto da recepção homérica. As epopeias se tornaram a representação mais sublime da nacionalidade/humanidade e só possuem valor se transmitir, ao mesmo tempo, exaltação da história e semente do futuro [André *apud* Carvalho, 2008, 14].

A partir dos pressupostos da poesia épica e antiépica abordaremos os pontos de convergência de recepção, partindo da *Eneida* à *Muhuraida*. Mostrando como as duas obras apresentam similaridades em diversos aspectos, visto que, a obra romana enaltece a conquista do Lácio pelos troianos, tal como a *Muhuraida* canta a conquista da ínvia Amazônia pelos portugueses.

Para Carvalho [2008, 13], a epopeia e antiépica é lugar de canto de celebração e sublimação de heróis, onde é possível encontrar escuridão, dor, ressentimentos. Por isso, o poema épico é, na sua relação com o tempo e a sociedade, uma construção importante na literatura para a compreensão dos acontecimentos pretéritos, tornando-se possível ler os movimentos, as zonas de luz e de sombra naquele espaço de tempo, naquela sociedade; ambos do qual somos frutos.

Virgílio celebrou na sua epopeia a *Pax Romana* [Medeiros; Carvalho; André *apud* Grizoste, 2011, pg. 17], e colocou o seu herói Eneias como o precursor de todas as suas ideias, “o poeta sentiu as sombras que cingem os seus

---

1 Artigo construído em um Programa de Apoio à Iniciação Científica [PAIC] durante o ano acadêmico de 2014-2015 sob orientação do Professor Doutor Weberson Fernandes Grizoste.

2 Possui Licenciatura em Letras da Universidade do Estado do Amazonas



heróis que são, a antevisão dos homens de carne e osso que fizeram a história de Roma” [Carvalho,2008,13] depois de muitas peripécias e contratempos enfrentados ao longo do percurso cujo destino seria a fundação de Roma. Contra a própria vontade Eneias foi escolhido pelos deuses para ir à busca de uma, nova, pátria prometida, donde introduziria os penates vencidos [Grizoste, 2013, 161] e reconstruiria a identidade dos teucros vencidos. O herói, porém mantinha-se resignado entre o passado vivido em Tróia e o futuro prometido pelos deuses no Lácio. Custa-lhe admitir que Tróia estava perdida para sempre, consumida nas cinzas, nos acontecimentos do passado.

No entanto, a *Eneida* apresenta muitos elementos que só podem ser encontrados na epopeia. Contudo, o poema de Virgílio configura-se decisivamente como uma poesia antiépica, uma vez que ao longo do percurso, de vida, luzes e promessas, o seu principal herói passa por lugares perpetrados de morte, penumbra e esmorecimento, conforme assinalou Carlos André:

No caminhar do protagonista a morte parece assumir-se como condição fundamental, como obsessão; a ela acaba por conduzir todos os caminhos o da felicidade, como necessidade, o da desgraça, como libertação. (André, 1992,27)

O herói troiano durante a sua caminhada passa por muitos infortúnios em busca da nova pátria perdendo as pessoas que mais amava sua esposa Creúsa, seu pai Anquises, o amor da rainha cartaginesa e seus companheiros de viagem.

Essa relação que temos nas obras clássicas, da ligação do passado com o futuro, semelhante à obra de Virgílio, gerou um estranho convívio entre a grandeza épica e a sua quase rejeição pelo próprio poeta<sup>3</sup>. Contudo, a obra sobreviveu e chegou até nós, e nesse percurso serviu de modelo para outros poemas, principalmente àqueles cujos fatos históricos e lendários referem-se às conquistas de um povo sobre o outro. A *Muburaida* é um poema desta natureza, nela o poeta português Wilkens também nos mostra um olhar sobre o “outro” em decorrência da sua própria pátria, no caso Portugal. Esta é a obra cujo pano de fundo era a pacificação e cristianização da etnia dos Muhuras, o que na “verdade” para Krüger [2012,8] “trata[-se] da aculturação e escravização desse povo”.

---

3 Segundo Medeiros (1992, 7) Virgílio também percorreu um caminho de morte doloroso. Tão doloroso que, no leito de morte, o poeta quis destruir o seu poema. O poema que era seu testemunho.

Apesar da distância que separa as duas obras, há como ver nas entrelinhas a exaltação patriótica, explanação da história de Portugal e das missões realizadas, enfatizando a ideia de grandeza e admiração por sua pátria, em que todos foram submetidos a sua pena. Que pena? A pena imposta pelo estrangeiro sobre os que não possuem nem um tipo de conhecimento tal qual os portugueses ao chegarem na Amazônia estavam com a ideia de catequisar os indígenas pois acreditavam que eram pagãos e de certa forma conseguiram.

Virgílio soube fazer-se ouvir de várias maneiras as vozes de todas as vidas [Carvalho, 2008,14], exclamadas no primeiro capítulo. A pena de Virgílio, ao evidenciar em seu poema a glorificação romana deixou escapar clamores, pessimismos, e acabou por resvalar para uma antiepopéia, levando consigo poeta, poema e pátria. O legado deixado por Virgílio, vamos encontrar nas poesias dos escritores portugueses, que o seguiram no mesmo raciocínio, e entre eles esta Wilkens que cantou a glorificação portuguesa na sua *Muhuraida*.

Daqui resulta uma essencial contradição que, invertidamente lida reflete as linhas as quais Virgílio transmitiu na sua poesia épica, a de um poeta assumidamente antiépico, por ignorar tudo que vem da epopeia, toda a grandiosidade patriótica que dela surgiu [Carvalho, 2008,26]. Segundo Medeiros [1992,12], a grandeza da *Eneida* esta na sua própria contradição: na afirmação profundamente vivida e profundamente trágica da infelicidade dos heróis, da infelicidade da própria condição humana.

De um lado, a imponência e o esplendor épico que o poeta insistentemente recusa em nome de apegos mais altos como liberdade, justiça e dignidade de outro uma decaimento em diferentes níveis e gradações, que parece ter uma ausência afetiva de matéria épica, “que não permite fazer tabua rasa da historia do passado dando luz ao futuro, própria da epopeia” [Carvalho, 2008, 24].

A antiepopéia concentra aquilo que é o elemento essencialmente principal da sua correspondente contrária, a distância épica ao eliminar o espaço temporal entre o universo imaginado e a época do seu autor e de seus contemporâneos [Grizoste, 2011, 29]. O universo épico é por natureza um mundo ideal. A antiepopéia transforma este mundo completo do passado e apresenta lacunas no tempo presente e real, com o seu cortejo de desventuras, misérias e submissões [Carvalho, 2008,39].

A coloração sombria do canto de Virgílio serviu como pano de fundo para a poesia do português Wilkens, que recobre e se espalha até o limite da

epopeia em negativo de que a poesia virgiliana é exemplo concludente, a aproximação da estrutura do poema pela exaltação e desencanto, que o poeta exprime em ação e sonho poético, tornando-se de alguma forma a voz publica ou privada, refletindo afinal “não na essência do gênero épico, mas a do gênero humano, contraditória como somente o poeta sabe ser, nenhum código pode explicar cabalmente os rodeios da alma humana nem sarar as feridas que a pátria um dia produziu” [Carvalho, 2008,36].

Compreende-se, pois, por óbvio e também oculto contraste, que tudo que é negro, baixo, detestável e carente de grandeza é extinto da largueza do mundo épico e, de igual modo, toda a luz, aumenta a importância e nobreza, diminuem-se das coordenadas do mundo antiépico. Uma história do passado de dois sublimes cantores, como Virgílio e Wilkens, que escolheram exaltar a sua pátria, pobre e mutilada, para se reerguer sobre a pátria de outro, por exemplo Virgílio exaltou a conquista dos troianos sobre os romanos e o poeta português exaltou a conquista portuguesa sobre os amazonidas.

Segundo Carvalho [2008,47], é verdade que a poesia portuguesa busca ainda, que, por vias opostas, um ser coletivo português, a procura de uma identidade, tarefa assumida como “missão” por cada um destes poetas, nunca se afigurou simples para um povo, poetas incluídos que continua debater-se entre o desalento e a esperança, no grande mapa dos humanos.

E assim as epopeias clássicas surgiram para que se houvesse o entendimento e o conhecimento das histórias dos guerreiros seja romano ou indígena, mas que contribuíram direta ou indiretamente para que possuíssemos uma identidade.

## **O POETA HENRIQUE JOÃO WILKENS**

Não há muita informação sobre o autor de *Muhuraida*, sabe-se que o poeta estivera no Amazonas, trabalhava como tenente nos meados do século XVIII, também atuou como comandante militar do quartel de Ega atual Tefé, passou também por Mariuá atualmente a cidade de Barcelos participou da Comissão de limite entre os domínios de Portugal e Espanha. Era formado em engenharia e possuía especialização em cartografia e exerceu sua função na cidade de Tabatinga.

O militar português Henrique João Wilkens confeccionou o poema épico “Muhuraida o triunfo da fé na bem fundada esperança da inteira conversão, e reconciliação da grande, e feroz nação do gentio muhura”, era comum a

época de o colonialismo militares escreverem poesia dentro dos quartéis, sendo que *Muburaida* foi o

O primeiro texto poético, formulado em estrutura épica e escrito em língua portuguesa sobre a Amazônia, *Muburaida* (1785) constitui-se como elemento fundacional que demarca suas fronteiras, tanto geográficas quanto políticas, tanto militares quanto econômicas, constituindo-se em um texto escrito por um engenheiro militar que, no momento mesmo de sua produção, atuava como tenente-coronel a serviço da Coroa Portuguesa, na Comissão de Demarcação dos limites dos “sertões” amazônicos (Caldas, 2007, p.6).

*Muburaida* foi confeccionado por um português para nomear o imenso e riquíssimo território que hoje é reconhecida como Amazônia, mencionada na obra como Grão-Pará e Maranhão, mas foi Grão-Pará e Rio Negro que se originou o Estado do Amazonas.

### **MUHURADA, O PRIMEIRO POEMA ÉPICO DO AMAZONAS**

O poema épico do amazonas *Muburaida* é de suma importância para se descobrir sobre a história desses indígenas que habitam a região amazônica, pois se trata de uma obra épica com evidências de documentação histórica, além de tratar-se de uma grande descoberta para a Literatura por ser uma obra que apresenta muitos elementos clássicos na sua essência, reforçando assim o que realmente essa pesquisa busca sobre o assunto.

*Muburaida* foi confeccionada no ano de 1785 pelo militar português Henrique João Wilkens, tornando-se a primeira obra épica escrita na região amazônica, mas só veio a ser publicada pela primeira vez no ano de 1819.

O gênero épico surgiu no Brasil em meados do século XVIII, onde os poetas viriam a cantar o índio brasileiro, os principais cantores da época que se destacaram foram os arcades Basílio da Gama (1768) e Santa Rita Durão (1781) exaltaram o índio como o verdadeiro dono da identidade nacional brasileira, formando assim com *Muburaida* uma trilogia de poemas épicos que exaltariam o índio de norte a sul do Brasil, de acordo com que expõe Grizoste (2014) p. 1:

Levando em consideração as condições históricas específicas, a *Muburaida* se configura como o terceiro poema épico em ordem cronológica do arcadismo brasileiro; um fator curioso é o fato de o poema de Basílio da Gama ter sido escrito com bases dos acontecimentos do Sul, o poema de Durão com base nos acontecimentos no Nordeste e o poema de Wilkens ter sido escrito com base nos acontecimentos no Noroeste, configurando as mesmas formas geométricas e delimitações geográficas do Brasil.

Pêgo também ressalta que “poder-se-ia dizer talvez, por isso, denominarmos estes poemas como uma trilogia árcade de poemas épicos” [Pêgo *apud* Grizoste, 2014,p.1] por adotarem uma preocupação semelhantes com as possibilidades dramáticas dos protagonistas, neste caso, “os indígenas”, o tema indianista é bem conhecido como a mais importante expressão do romantismo novecentista, pois articulou as diversas concepções da nação-estado e da identidade nacional muitas vezes debatido na época, fazendo com que o indígena se tornasse o “símbolo” dos poemas épicos nacionais.

Mas quem realmente deu início ao tema “índio” segundo Grizoste foi o padre José de Anchieta, devido a sua epopeia ser a mais antiga da América Latina.

A *Muburaida* apresenta junto ao Uruguai e Caramuru uma afinidade muito forte ao tema indígena, e todos trazem na sua essência a grande admiração aos feitos portugueses principalmente a submissão dos indígenas para com os mesmos, traziam como argumento a “fé cristã” e assim conseguiram a aproximação com aqueles considerados “bárbaros”, uma vez que não aceitavam a aproximação do homem branco no seu habitat, e isso acontecera de acordo como expõe Pêgo:

Desde que os portugueses aportaram no Brasil e entraram em contato com seus habitantes naturais, os índios, que estes se tornaram um elemento de interesse para a fértil literatura que se produziu naquelas terras recém-conquistadas. Das descrições curiosas e entusiasmadas dos viajantes e exploradores à visão econômica dos colonizadores ou a analítica e evangelizadora dos religiosos, o índio nunca deixou de ser objeto de escrita. (Pêgo, 2010, p.59)

Esse interesse que a autora se refere podem ser observadas na carta de Caminha, que serviu de base para os aventureiros que passaram pelo Brasil, descrevendo os costumes dos indígenas, costumes estes que podem ser visto claramente no poema de Wilkens.

A *Muburaida* nasceu justamente “em um momento de crise entre o estado e a igreja e no Limiar do Capitalismo moderno” [Grizoste, 2014,p.02] pois o poema que canta “o triunfo da fé” surgiu em uma época que Marques de Pombal havia banido a Companhia de Jesus do Brasil, uma vez que controlava a bastante tempo as aldeias missionárias e coordenavam o trabalho indígena, formando assim um reservatório de mão-de-obra cabocla.



Não é nada surpreendente, portanto, que, mesmo antes de se transformar em símbolo nacionalista, o índio se colocasse na imaginação literária como referência dessa conjuntura de luta pela implantação do projeto iluminista, neocolonialista e capitalista no Brasil, bem no centro da disputa entre os poderes eclesiásticos e seculares pelo territorial, econômico e ideológico. (Trece, 1993, p.15)

No entanto a crise da igreja e no limiar do capitalismo português, trata-se de um poema “paradoxal porque canta aquilo que não devia mais cantar e portanto antiépico” [Grizoste,2014,p.02]. Pois a igreja sofria na época graves crises, e o ano que foi publicado o poema consequentemente o estado português viria a perder suas forças de “domínio”, fazendo com que a *Muburaida* assim como os outros dois poemas *Uraguai* e *Caramuru* se tornassem uma continuação de um mesmo propósito de cantar as conquistas portuguesas na América.

### **O GENTIO E O BOM SELVAGEM**

O gentio e o bom selvagem uma das ideias mais famosas e até hoje muito debatido por muitos estudiosos, e teve como mentor o filósofo Jean-Jacques Rousseau, defendia a teoria do “homem bom” no seu estado natural, depois corrompido pela sociedade, mas seria uma contradição? pois a sociedade é precisamente formada por esses mesmos “homens bons”? No entanto o homem não foi idealizado como de fato teria que ser, e sim ignorando como ele de fato é Leopoldi afirma que:

Para estes pensadores e filósofos políticos o estado de natureza era um período de selvageria fundamentalmente insatisfatória, onde os aspectos negativos dificultavam demasiadamente quando não inviabilizavam a vida em coletividade. (Leopoldi, 2002, p.159)

O *bom selvagem* difundiu-se do culto da natureza, identificando e assinalando a artificialidade da civilização, passou-se a considerar a rivalidade uma perversidade que destrói a discrição comunitária inata ao homem, estimulando suas características mais perversas, incluindo o desejo de exploração, exatamente essa exploração, podemos observar realmente o que acontecera com os indígenas no seu contato com os europeus, mas precisamente os portugueses e espanhóis.

O filósofo do bom selvagem, em alusão as qualidades superiores que, a seu ver, exibiam os indivíduos que viviam no estado de natureza. Uma de suas características básicas é, o ambiente natural extremamente abundante e aco-

lhedor, a ponto de parecer ter sido criado na medida exata para servir ao homem em termos de recursos alimentares, sendo aliás, a preservação uma das poucas preocupações, senão a única no seu estado de natureza. (Leopoldi,2002,p.160)

Essa vida extremamente selvagem foi observada pelos portugueses ao passarem pelas terras brasileiras, pessoas sem nenhum tipo de civilização, sendo que podemos ver ainda hoje em muitas aldeias indígenas que vivem de maneira natural.

Assim como os índios os caboclos também vivem de maneira natural, da pesca, da caça de plantações, mais esse modelo de viver a vida é visto como comodismo, “houve, como Martius quem visse os selvagens brasileiros como restos degradados de uma raça com estágio cultural outrora avançado” [Grizoste, 2013, p.63].Pessoas que não tem disposição de trabalhar igual a muitos que se dizem civilizados, sabe-se que não é dessa maneira, e sim o estado natural, uma vez que essa atitude de se viver é a sua essência, passada de gerações.

A maneira de viver no estado natural, também foi observou-se por Thévet ao descrever a “França Antártica” como:

Uma terra habitada por estranhíssimos selvagens sem fê, sem lei, religião e nem civilização alguma, que viviam como animais irracionais, tal como foram concebido pela natureza isto é, nus, alimentando-se de raízes (mandioca), como se estivessem assim à espera do dia em que o contato com os cristãos lhes extirpasse essa brutalidade para que pudessem vestir-se adotando um procedimento mais civilizado e humano. (Thévet *apud* Grizoste, 2013, p.63)

O mito do *bom selvagem* era mencionado bem antes, nos cadernos de viagens, nas cartas, havendo assim uma controvérsia em atribuir todas as iniciativas a Rousseau [Silva *apud* Grizoste, 2011, p.532], “o mito do bom selvagem é muito anterior a Rousseau e seus contemporâneos” [Dias *apud* Grizoste,1982,p.214],também muito antes ao bom selvagem mas precisamente o americano já se falava no “homem silvestre,” e eram encontradas nas epopeias, romances, e em alegorias medievais ligados ao folclore europeu.

E esses seres acreditava-se que eram pessoas extremamente violentas, e não tinham a capacidade de raciocinar, e muito menos o conhecimento da existência de Deus, é essa falta de “crendice” que os europeus usaram como pano de fundo para a aproximação com os indígenas amazônidas.

O ambiente natural é para o homem selvagem abundante e acolhedor criado de maneira que não intervisse na sua estética natural, preservando suas necessidades, “encontram-se tão facilmente ao alcance da mão e ele está tão longe do grau de conhecimentos necessários para desejar adquirir outros maiores, que não podem ter nem previdência nem curiosidade” [Rousseau *apud* Leopoldi, 2002,p.160],realmente o autor tem razão, pois pessoas que se comparados aos indígenas eram civilizados e ao se aportarem nas terras alheias, traziam consigo a ambição pelo “ouro” sendo que os que já conheciam o minério, não tinham ambição devido a falta de conhecimento, ou seja, a única coisa com que os “selvagens” se preocupavam era com a alimentação.

Há que conferir que o índio, sobretudo o brasileiro, também não dava valor ao ouro, mas neste caso porque não conhecia o apuramento e as utilidades do minério, e também contribuiu para isto o seu desapego aos bens materiais e acúmulos de objetos e seu caráter despreocupado com o futuro, vivendo dia a pós dia (Grizoste, 2013,p.64).

Outra ênfase sobre o estado de natureza do homem na perspectiva de Rousseau é a falta de agrupamentos entre esses indivíduos, não existia o convívio em comunidade e preferiam viver isolado uns dos outros, “quebrado apenas para efeito de reprodução” [Leopoldi,2002,p.160].Viviam de acordo com o que a natureza os oferecia sem necessidades de viver em bandos como os chamados “civilizados sociais”, acreditam que para se conviver na civilização é necessário que haja um agrupamento humano.

Sabe-se que desde o princípio o homem vivia das suas atividades campestres, do cultivo da terra, “o homem foi primeiramente caçador e pescador, depois pastor e depois de haver percorrido os dois é que veio a ser agricultor” [Magalhaes *apud* Grizoste,2013,p.64], e os indígenas não há registros de terem sido pastores ate mesmo porque muitos dos animais da fauna brasileira, não são domáveis devido a sua ferocidade.

Mas os indígenas brasileiros tem domínio no que desrespeito à medicina natural, são conhecedores de ervas que ajudam a curar algumas doenças, mecanismos muita bem aceita pela medicina atual.

Em suma o mito do *Bom Selvagem* nada, mas “foi a concretização filosófica do objetivo do colonizador” [Grizoste,2013,p.65], queriam que os índios se tornassem um modelo de domesticação para que se tornassem seres com uma identidade diferente, a beleza da civilização que aos olhos dos europeus era a me-

lhor maneira de se viver, e de certa forma foram convencidos de que a maneira que o homem branco vive é bem melhor do que estes já estavam acostumados, e se fizessem uma troca? O civilizado convivendo de modo natural, no habitat do índio, e o índio no ambiente civilizado, obviamente que tanto como o branco como o índio se tornariam “bestiais” não saberiam conviver com as diferenças um do outro, segundo Leopoldi [2002, p.168], *Rousseau não estava preocupado com as sociedades indígenas*.

A ênfase que ele deu ao *selvagem* do período inicial do estado de natureza que expunha qualidades elevadas e vivia em um ambiente paradisíaco independentemente de demonstrar na prática a sua existência, teve como desígnio fundamental colocá-lo numa posição de contraste em relação ao homem civilizado.

Portanto, não foi o índio com toda sua bestialidade que se levou a sua própria destruição, e sim o homem branco a imagina-lo e idealiza-lo fazendo com que sua imagem denegrida por estes fosse a principal arma para sua própria ruína.

## **AS SIMILARIDADES CLÁSSICAS DA *ENEIDA* EM *MUHURAI***

Exaltar o triunfo da fé depois dos Jesuítas já tivessem sidos expulsos parecia ser uma ideologia contrária, “cantar o sucesso dos diretores e do plano do Marques de Pombal ainda no seu nascedouro também era temerário” [Grizoste,2014,p.04] pois Wilkens se adiantou em falar dos planos do sistema Pombalino assim como Camões teria se adiantado a falar do sucesso dos Portugueses na Índia, sendo que essa conquistas que Camões exaltou não foram concretizadas.

No entanto abordaremos as similaridades da *Eneida* em *Muhuraida* e analisaremos, pois, alguns pontos antiépico no poema do português Wilkens, podendo assim mostrar a outra face, cheia de fé, morte, e desventura da obra.

A primeira semelhança que foi encontrada foi entre os dois cantores Virgílio e Wilkens ao oferecer as suas obras a pessoas próximas e também admiravam. O poeta latino escreveu sua epopeia *Eneida* a pedido do rei Cesar Augusto, e isso aconteceu porque os gregos tinham obras que exaltavam os feitos da sua pátria e heróis.

Então Augusto pediu para que Virgílio também elaborasse um poema que mostrasse a heroicidade de seu povo, contudo não foi uma tarefa fácil, pois o

poeta tinha escrito somente obras que cantavam os pastores, a floresta, realidades campestres que são encontradas nas *Bucólicas* e nas *Geórgicas*. E por ser um pedido do rei Augusto, aceita então a elaborar o poema e deixa claro em um dos versos da *Geórgica*, o quanto o admirava:

Mas tenho que tentar outro caminho que me erga da poeira, que em vitória me faça voejar de boca em boca. Serei eu a trazer a minha pátria dos cimos do Aónio, e o primeiro as musas do Triunfo, assim levando a grande Mântua as palmas iduméias. E junto à águas hei de edificar um templo meu de mármore em porque o Nilo decorra largo e lento as margens decorando com o junco. Ali dentro colocarei eu Cesar e dentro ficara para morar. (Georg III. 15-27)

Já poeta de *Muhuraida* oferece no seu poema uma dedicatória ao seu superior João Pereira Caldas, segundo Treece aparece no texto como *um dos agentes do milagre divino* [Treece,1993,p.19], essa dedicatória é datada de 1789, e assim como Virgílio, Wilkens também escrevera a sua admiração a quem o português considerava ser depois de Deus a quem ele venerava.

A Sua Ex.<sup>a</sup> o senhor João Pereira Caldas (o Author)  
Quis a Providencia, não sei se para coarctar a minha Ousadia; se para desvanecer a minha Confiança, retardar huma Offerta, que tendo toda a apparencia de Tributo, O affecto, veneração, e respeito, que a illustre Pessoa de Vossa Excellencia conságro devidamente, confiar quis huma Mão alheya, aindaque bem interessada neste mesmo Objecto, para assim mais respeitôza se apresentar à illustre Vossa Excellencia. (Wilkens,1993,P.87)<sup>4</sup>

A dedicatória do poema apesar de não aparecer no corpo do texto, é citada no subtítulo e se confirma no para texto e tem como título *A Sua Ex.<sup>a</sup> o senhor João Pereira Caldas*, a partir desse momento o poeta português dedicava toda sua obra ao ex-governador do Grão-Pará, e também aproveitara para pedir ao governador toda a sua proteção quando diz: “Procura pois a Muhuraida a alta Proteção de Vossa Excellencia” [Wilkens,1993, p.89].

Outro termo de semelhança entre as duas obras é encontrada logo no primeiro canto, pois no início da *Eneida* Virgílio lembra das vidas destroçadas devido o herói de sua epopeia Eneias ser “descendentes de Troiano, restos dos Dánaos e do terrível Aquiles” [Medeiros, 1992, p.28], mas que para chegar ao Lácio muitas foram as peripécias do herói, lutou e venceu deixando as sementes da fundação de Roma.

---

<sup>4</sup> Embora o manuscrito esteja datado no ano de 1785, a dedicação e assinada no dia 20 de maio de 1789.



Sou eu aquele que em passado tempo meu canto confiei a frágil frauta e levei a que campo meus vizinhos ao desejo do dono obedecessem, que bom traço agradasse ao camponês. Sou eu agora quem celebra em canto, nos horrores das armas de Mavorte, o varão que primeiro veio de Troia à nossa Itália, às praias de Lavínia, em fuga obedecendo seu destino, bem batidos por mares e por terras, pela divina força dos de cima, por ira tenaz da crua Juno, tanto sofrendo em guerra ate fundar a cidade que é sua, até trazer ao Lácio os deuses, e, daí provinda a raça dos latinos, avos de Alba depois muralhas da famosa Roma.(Aen.I,v.1-18)

O português Wilkens ao cantar o sucesso dos portugueses também se recordou dos acontecimentos do passado, dos esmorecimentos que outrora aconteceram, assim como Virgílio presenciou muitos acontecimentos reais. O poeta romano viveu em um período conturbado, pois chegou a presenciar a guerra da Perúsia. “O vendaval das guerras civis despedaçava todas as portas: roubou as terras do poeta e esteve a ponto de lhe roubar a vida” [Medeiros, 1992, p.08], e Wilkens na sua obra *Muburaida* relata que presenciou nas missões, as atrocidades que aconteceram nas lutas de portugueses e indígenas, os dois poetas descreveram acontecimentos da sua vida pessoal para dentro das suas obras.

No canto I e possível ver a dor e a tristeza do poeta ao escolher a cantar o sucesso dos portugueses, podendo assim perceber as linhas antiépicas da obra do português.

Canto o successo fausto, inopinado,  
Que as faces banha em lagrimas de gosto,  
Depois de ver n'hum Seculo passado,  
Correr só pranto em abatido rosto<sup>5</sup>,  
Canto o successo, que faz celebrado  
Tudo o que a providencia tem disposto,  
Nos impensados meyo admiráveis,  
Que os altos fins confirmão inscrutáveis. (*Mub*, I, v.1-8)

Quando o poeta de *Muburaida* se submeteu a cantar os feitos portugueses, precisamente os feitos da politica pombalina sobretudo a expulsão dos Jesuítas é que deixa escapar todo o esmorecimento dos fatos, quando diz: *Correr só pranto em abatido rosto* seria o pessimismo que os Jesuítas sofreram com a expulsão. Mas o que dizer quando o poeta fala do “Triunfo da Fé”? Seria uma contradição? Seria. Para Grizoste *é um paradoxo e esse paradoxo esconde uma realidade*, o que

5 Ao dizer que os dois poetas levaram acontecimentos reais para sua obra, vejamos o que Wilkens expõe no rodapé da sua obra, *Do horrizo estrágo, e mortandade, que os Muburas fizeram no anno de 55 deste Seculo, nas missões dos índios Moradores da Aldeya do abacachi, Missão dos Jesuítas do Rio Madeira, fui eu ocular testemunha; do que fizeram nas povoaçoens do Solimoens em 56 e 57, também vi; e da Desolação em que tudo ficou, enchendo todos de horror*:Wilkens.1993,p.99.

realmente os colonizadores estavam interessados era nos lucros comerciais e a exploração agrícola, mas mantiveram como pano de fundo “a fé cristã”.

Outro elemento clássico encontrado no poema de Wilkens, podendo assim afirmar de que o poeta conhecera as obras épicas antigas e usou-a como modelo para confeccionar a sua *Muburaida*, na quarta oitava mais uma vez assim como Virgílio retoma suas ideias do passado ligadas aos portugueses causadores de todos os infortúnios, o poeta expõe:

Mais de dez Lustros erão já passados,  
Que a Morte, e o terror acompanháva  
Aos Navegantes tristes, que occupádos,  
Estávão co’o o perigo, que esperava  
A cada passo ter nos descuidados  
Segura preza em que se alimentava,  
Despojo certo, e victima inocente,  
Na terra, ou mar, do Rio na corrente. (*Mub*, I, v.1-8)

Vejamos o quanto à linguagem clássica, está presente na obra de Wilkens, quando o poeta diz: “Mais de dez Lustros erão já passados”, Lustrum na tradição romana, “era um sacrifício expiatório, uma cerimônia de purificação promovida pelos censores latinos de cinco em cinco anos quando do encerramento do censo, a fim de purificar o povo romano” [Grizoste, 2014, p.05].

O poeta poderia ter usado o termo “mais de meio século” mais prefere usar a linguagem latina, no entanto os períodos de horror duraram mais de cinquenta anos, “período que compreende as três partes em que a narrativa se divide: antes, durante e após o processo de pacificação” [Pêgo, 2010, p.62].

Outro elemento clássico encontrado ainda no primeiro canto está na oitava seguinte ao se referir a Pantasiléia, “Rio, que de Pantasilea a Prole Habitando” (*Mub*. 1.4.1-2), na mitologia grega foi uma rainha amazônica, filha de Ares e Otrera. O mito das Amazonas resistiu no Brasil por muito tempo, e certamente Wilkens conhecera ao citar o mito grego.

Mas o Padre João Ferreira na sua obra *América Abreviada* afirma que o mito das Amazonas no Brasil era invenção dos europeus e não da população local [Ferreira apud Grizoste, 2014, p.06.], o escritor paraense na sua obra *Ensaio sobre a poesia épica*, expõe a presença definitiva das Amazonas como “a mais fascinante das lendas da nossa terra, surgida antes mesmo do início da colonização portuguesa, e de tal força configurada, que deu nome ao rio de cinge ao norte do território brasileiro” [Nunes, 1962, p.18].

As Amazonas a quem Wilkens ressalta tão aguerridas e a quem o poeta compara com os Cítas, “um povo Iraniano, nômades que por toda Antiguidade Clássica dominaram a estepe pôntica-cáspia, conhecida na época por Cítia” [Grizoste, 2014, p.06]. No entanto o poeta português brinca com as lendas, primeiro faz uma comparação das Amazonas da América do Sul com as gregas e em seguida com o povo do Velho Mundo.

A narrativa de *Muburaida* gira em torno da pacificação e da conversão dos índios Mura pois eram ausentes do Diretorio Político, sociais e econômicos dos portugueses, “havia se tornado um entrave ao desenvolvimento da região onde habitavam dificultando a extração e o comercio das drogas do sertão” [Pego, 2010, p.62].

O poema épico do Amazonas como já foi dito é o poema da exaltação política colonialista, mostra também uma política que trouxe consigo a ambição, e acabou com a liberdade do índio que viviam na escuridão e o levou a escravidão, então, o mesmo homem que trouxe a luz, trouxe a escravidão? Sim, é o mesmo homem.

“É incoerente, é doloroso este destino dos homens, porque aquele que escapa da liberdade das Trevas é submetido à servidão da luz” [Grizoste, 2014,p.07].

No entanto faço valer as palavras de Walter de Medeiros quando expõe:

A vitória é uma derrota, a breve ou a longo prazo, se não for mortificada com a fraternização(...)Virgílio não via essa fraternização: via encarniçamento, prepotência autocracia, a lei do mais forte, a criar revoltados, resignados ou extintos (MEDEIROS,1992,p.08).

Assim como Virgílio também podemos ver em Wilkens que ele não via essa “fraternização” entre Muras e os portugueses e sim a lei do mais forte. Com tanta desventura e pessimismo que o autor termina o primeiro canto sem nenhuma esperança dizendo:

Mas minha Casta Musa se horroriza;  
Vai me faltando a voz; Distemperáda  
A lira vejo; A magoa se eterniza.  
Suspenda-se a Pintura, que inlutáda  
Das lagrimas, que pede, legaliza,  
Vendo a mesma Natureza ultrajada  
A dor; o susto; O pasmo; O sentimento  
Procure-se outro tom, Novo Instrumento. (Muh.1º,v.XVI)

Nesse quadro de *Muhuraida* pode observar que Wilkens fala em pintura “Suspenda-se a Pintura, que inlutáda” assim como na *Eneida*, quando o herói troiano chega no templo da deusa Juno em Cartago ao ver nas paredes do templo as pinturas que o remetem as lembranças de sua pátria o fazem chorar:

Foi quando examinava em pormenor aquela maravilha, ao aguardar que a rainha chegasse, que ele viu em obra harmoniosa dos artistas, resultados de todos os trabalhos, o sequente apresentar das lutas que em Ílio houvera e já levara a fama ao mundo inteiro, os Atridas e Príamo, com Aquiles a todos tão funesto. (*Aen*, I, v. 672-680 p.153).

Assim como na *Eneida* o herói da *Odisseia* chorou, ao ouvir o canto de Demódoco nas teras do rei Alcinoos mas com diferenças entre si:

Em Cartago, Eneias chora diante da pintura de um templo cuja evocação rememorava a guerra de Tróia. Chora como Odisseu chorou diante do canto de Demódoco na terra do rei Alcinoos. Odisseu, porém era um vencedor e Eneias um derrotado. Odisseu retornava a pátria e Eneias não tinha, mas pátria (Medeiros, 1992, p.21).

Para Simonide define que “a poesia é uma pintura falante e a pintura é uma poesia muda” [*Apud* Grizoste, 2014, 07]. O poeta português também fala em “pintura enlutada de lágrimas”, podendo assim dizer que é um quadro antiépico devido ter por trás a desventura a destruição, e principalmente a morte.

O cantor de *Muhuraida* também trouxe das epopeias clássicas alguns episódios para a sua narrativa. Assim, no canto segundo, um anjo quando desce a terra para pregar o cristianismo entre os indígenas, se expõe em feitio de um Muhura, e para conseguir convencer o índio a quem aparece, ele se transformar-se em um rapaz que morrera a muito tempo e fora vítima de um jacaré:

Perplexo então o Muhura, olhando atento,  
Ver parecia no mancebo adusto,  
Hum seu Parente, que hum golpe violento,  
De rámo, separado, mas robusto,  
Nas ondas fez cahir; sanguinolento.  
Despojo reputádo, que do injusto  
Fado, alimento estáva destinado,  
D’hum Crocodillo enorme, e devorado. (*Muh*, II, v. XIV)

Na *Eneida* ocorre um episódio semelhante: quando Eneias estava dor-

mindu na popa do navio decidido a partir para o mar para prosseguir a mais uma viagem apareceu um deus igual ao que já fora, era Mercúrio com a mesma voz, o aparato do rosto, os cabelos loiros, com a mesma juventude e veio avisar o herói troiano e preveni-lo do perigo, dizendo:

Como podes, tu que es filho de deusa, assim dormir quando tanto perigo te rodeia? Não ouves como sopram favoráveis, os Zéfiro do céu, ao passo que ela só em manhas medita, até um crime disposta a cometer, o de matar-se, com a cólera vagas incitando? Depressa tu verás que o mar se agita por baixo dos navios, que tocha ardente bem perto já flameja e que estas praias de chamas se encherão se Aurora vem e se te encontra aqui neste parado. Mulher é vária e muda a cada passo. (Aen, IV,897-913,p.243)

Falávamos no início de que há muitas outras intenções quando se trata de *triunfo da fé*, quando o emissário muhurificado no terceiro canto VIII verso, todos ouviam o jovem Muhura fazer seu discurso então expõe:

Tereis nos Pòvos vossos numerózos  
Abundantes colheitas sazoadas,  
Vereis nos Portos vossos vantajózos  
Comercios florecer, e procuradas  
Serão as Armas vossas: Poderózos  
Emfim sereis, Amáda, invejadas  
Serão vossas venturas; finalmente,  
Podereis felices ser eternamente.(Muh.3º,v.VIII)

Podemos observar o otimismo do jovem muhura, mais sem deixar negar que estes feitos vitoriosos é a partir dos olhos do colonizador, o discurso seria uma contrapartida da união entre os portugueses e os indígenas, e o comercio era quem ia fazer o “elo” dessa união.

Todos os indígenas estavam a ouvir atentamente, e eis que aparece um velho índio, e exatamente neste quadro o poeta português impõe um efeito que só pode ser visto a partir do olhar antiépico; pois ao invés de luminosidade, que é a sublimidade da poesia épica, mostra-nos o desespero, o sofrimento e a penumbra, configurando-se numa antiepoieia.

Este caráter antiépico é encontrado na voz do índio mais velho dos Muhuras, memória viva da história do seu povo tentando evitar a rendição da sua gente ao relatar as infelizes lembranças que já havia enfrentado. Esse Ancião, de certa forma, representava a voz contrária aos portugueses, contra aquilo que queriam impor ao povo Mura – o sofrimento e a servidão.



Grilhões, ferro, algemas, gargalheira,  
Açoutes, fomes, desamparo, e morte,  
Da ingratidão foi sempre a derradeira  
Retribuição, que teve a nossa sorte. (*Muh.* 3.18.1-4)

É retratos de desespero, de tudo o que é padecimento, dito claramente pelo velho indígena à forma que os portugueses os castigavam, com grilhões que o prendiam como animais a serem vendidos, gargalheira que os sufocava e também os açoutes que servia para açoitá-los, e foram esses sacrifícios que os estrangeiros o retribuíram.

Esses acontecimentos históricos sobre os índios brasileiros foram lembrados também no Hino da Independência cujas palavras do poeta compositor Evaristo da Veiga mencionou na sua canção e diz: *Os grilhões que nos forjavam*, o poeta cantor deixa claro o quanto os índios sofreram nas mãos do “inimigo” ao citar na canção “os grilhões” o mesmo que Wilkens na sua *Muhuraída* de escapar na voz índio.

No outro paragrafo o poeta mais uma vez falara em *Da perfídia astuto ardil*, mostra a deslealdade que daqueles que usavam o nome de Deus para se aproximar de suas vítimas, com o poder de manipular cada um dos inocentes com suas palavras de convencimento e acabaram conseguindo leva-los para a armadilha fatal que na canção o autor descreve como “ardil”.

Podemos assim confirmar o quanto o índio ancião estava com a razão de não acreditar em que o seu irmão estava tentando impor aos demais. Essa passagem do texto constitui-se em exceção, pois “a ideologia que permeia a Muhuraída é a de proclamar a excelência do colonialismo, estorvada pelos ataques dos bárbaros destituídos da verdade divina” [Krüger, 2012, p.07].

No Quarto Canto o poeta português adiciona as figuras mitológicas e a religião, *mas ambos os sentidos estão intrinsecamente ligados* [Grizoste,2014,p.12]. Não devemos confundir quando Wilkens acrescenta um quadro religioso e quando ele agrega um quadro mitológico.

A mitologia passa a existir pelo interesse de parecer literatura, e daí a necessidade do maravilhoso [Grizoste,2014,p.12]. É preciso convir que a imagem das oitavas XVI e XVII são do maravilhoso, vejamos:

La o Anjo Tutelar da Muhura Gente,  
Desce da Ethera Habitação Celeste,  
Deputádo de um Deos Omnipotente.  
De luzes dezuzádas se reveste.

Qual nuvem do Deserto, ou Facho ardente,  
Que o Israelita guia, e la da Peste,  
Das Prágas; de Pharaó, do Captiveiro  
Do Egepcio o livra, e serve de Roteiro. (*Mub.4.16.1-8*)

De Mathias assim; do Muhura o peito,  
Incita o Anjo, e uniforme guia;  
Sendo aquelle o Moysés ao Povo aceito,  
Do Muhura, que gostóza obedecia;  
Dezempenhando em tudo tal conceito,  
De mil perigos, e da Idolatria  
Da escravidão o livra, felizmente  
Do Príncipe das Trévas tão potente. (*Mub.4.17.1-8*)

As duas oitavas são do maravilhoso dentro da epopeia, mas o seu sentido é apenas religioso. Se por um lado o seu embaixador, o “Anjo” desempenha o papel de convencimento dos Muhuras da verdade e da boa fé, o agente da desconfiança e do petulância há de ser, o “diabo” que Wilkens o chama de “Príncipe das Trevas”.

Na estrofe XVIII o poeta português deu um caráter mais literário e mitológico quando expõe:

Soberbo recebia o Amazónas  
As Ubás do Gentio, que atheagóra  
Disconhecido sendo n’outras Zonas,  
Passáva já a ilustrar Terras, que Aurôra  
Vizita, quando Phebo entre as Matrónas  
De ortúgia, nas mantilhas se demora;  
E aquellas em que o luminózo giro  
Absolvendo, lhe servem de retiro. (*Mub.4.18.1-8*)

Quando os índios Muhuras desceram o rio Amazonas, o cantor português fizera uma relação à mitologia greco-latina evocando Febo.

Febo segundo o dicionário de “Mitologia Latina” “é epíteto de Apolo. Entre os latinos frequentemente, Febo aparece como o próprio nome do deus, dispensando a adjunção de Apolo” [Flórido, 2000, p.132]. Apolo era filho de Júpiter e Latona, nasceu na ilha de Delos –isto é seja Ortúgia, com a ajuda de Netuno, sua mãe se refugiara ai fugindo de Juno [Grizoste, 2014, p.12].

Os quadros da *Muhuraida* que o poeta Wilkens viaja ao Velho mundo citando os deuses gregos e latinos, aparecem também na *Eneida* de Virgílio, e faz nos apresentar-vos mais uma semelhança entre as duas obras.

O herói da *Eneida* nas suas muitas viagens chegara a sua primeira tentativa de erguer um novo território é a cidade de “Pergâmea”, os seus companheiros de viagem estavam contentes pela conquista, muitos jovens logo casaram, plantaram, e quando se pensara que tudo havia de dar certo, caíra sobre o povo à peste e destruiu tudo.

E a mais uma viagem a procura de uma nova terra que pedem ajuda aos deuses: “Aconselha-me o pai que naveguemos, que ao oráculo Ortígio regressemos para implorar todo o favor de Febo”.(Aen.2.229-231).

No Quinto canto da *Muhuraida* mais uma vez o poeta volta seus poemas mais uma vez a mitologia latina, “dessa vez para desmistifica-la” [Grizoste, 2014, p.12]. Nas estrofes IV e V fala no templo de dos deuses latino, e faz uma comparação no que estava acontecendo no momento.

Se o templo lá de Jáno, entre os Romanos,  
Na páz se fecha; inutil reputando  
O culto da deidade, que os Humanos  
Ao seu capricho vai sacrificando.  
Os templos entre os nossos Luzitânos,  
Mais que nunca, se hir devem frequentando;  
Agradecendo aos Deos Omnipotente,  
A Páz, que ele promove felizmente.

Se eles também a Jáno dedicarão,  
Entre os Mêzes das Eras, o primeiro;  
Ou a Jove na primicia o consagrarão,  
Como a Principio, entre eles, verdadeiro,  
Não menos memoráveis nos ficarão  
Os dias venturosos de Janeiro;  
Pois nelles nos deo Páz, felicidade  
O Author da Vida; A Fonte da Verdade. (*Muh.*5.4-5)

Wilkens lembrara que os Romanos consideravam inutilmente culto a Jano, chegando mesmo a consagrar a deidade ao primeiro mês do ano. Jano na Mitologia Grega é o deus de todas as portas, das viagens principalmente nas partidas e regresso, era conhecedor do passado e do futuro, “sob o epíteto de Matutinus Pater, preside o começo do dia. O primeiro mês do calendário romano, Januarius, deriva de Jano” [Flórido, 2000,p.171].

E na quinta estrofe o poeta termina dizendo, se os romanos consideravam o mês de janeiro aos deuses obscuros os Muhuras consagravam o primeiro mês como a vinda da “luz” que se estabelecia entre eles, ao *Author da Vida*.(5.5.8)

No entanto temos a petulância de dizer que Wilkens conheceu sim os mais importantes poetas clássicos como Virgílio, e trouxe algumas similaridades para sua obra principalmente as ideias de desventuras, tristezas, mortes, a exaltação de povo que se reergueu sobre as cinzas de outro povo.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em suma, a *Muburaida*, o terceiro poema épico brasileiro, veio retratar junto aos mais conhecidos como *Uruguai* e *Caramurí*, o índio como símbolo da identidade nacional, apresenta no seu conteúdo uma diferença dos demais, pois, não apresenta um episódio heroico e muito menos romântico, e talvez fosse esse o motivo entre os poemas e também da não apreciação dos românticos da época.

A *Muburaida* traz na sua essência a história de um povo que se reergueu das “cinzas” de um outro povo, ao receber elementos fictícios acabou se tornando uma obra assim como a *Eneida* de Virgílio uma antiepopéia.

A obra romana apresenta um herói, Eneias, e *Muburaida* não sabemos dizer, seriam os portugueses que se diziam civilizados e cristãos? Ou seria os Muhuras os bárbaros e pagãos?

Muitas são as contradições em *Muburaida* assim como há também na *Eneida*, mais o importante é que mesmo Wilkens colocando na sua obra semelhanças clássicas, mais precisamente da *Eneida*, sabemos da sua importância para a Literatura, e para a história e mais ainda para a etnia dos Muhuras.

Mesmo que a poesia, seja dolorida, cheia de penumbra, esmorecimento e muitas mortes, foi assim que obtivemos uma obra épica, mesmo esquecida no tempo, não apreciada mas que veio a contribuir e muito para a construção da identidade brasileira.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Y. P. Caldas (2007). A construção épica da Amazônia no poema *Muburaida*, de Henrique João Wilkens. Belo Horizonte.

T. Carvalho (2008). Epopeia e Antiepopéia: De Virgílio a Alegre. Coimbra: Imp. Da Univ. de Coimbra.

Janice Flório (2000) Dicionário de Mitologia. São Paulo: Nova Cultural.

W. F. Grizoste (2011). A dimensão anti-épica de Virgílio e o Indianismo de Gonçalves Dias. Coimbra: CECH.

- \_\_\_ (2013). Os Timbiras: Os paradoxos antiépicos da *Ilíada* Brasileira. Coimbra, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. (Tese Policop.).
- M. F. Krüger (2012). “A Antiepoieia dos Muras”, in Wilkens (2012) *Infra Cit.*7-8.
- W. Medeiros, C. A. André, V. S. Pereira (1992). A Eneida em contraluz. Coimbra: Instituto de Estudos Clássicos.
- T. Pêgo (2010). «*Muburaida*: Entre a fé e a lei, pela pacificação dos índios», *CADERNOS DE LITERATURA DE VIAGENS* 2 60-76.
- A. Silva (2008). Virgílio. Bucólicas. Geórgicas. Eneida. Lisboa: Temas e Debates.
- D. H. Treece (1993). «Introdução crítica à *Muburaida*», in H. J. Wilkens. *Infra Cit.*11-31.
- H. J. Wilkens (1993) *Muhuraida* ou o triunfo da fé. Manaus: Biblioteca Nacional/UFAM/Gov. AM (2012). *Muraida*. Manaus: Valer.